

# (Re)Memorar

— ANNA DEODATO —

intransitiva  
• revista

HERANÇAS QUE RECEBEMOS, LEGADOS QUE DEIXAMOS (V. 5, N. 2, 2021)

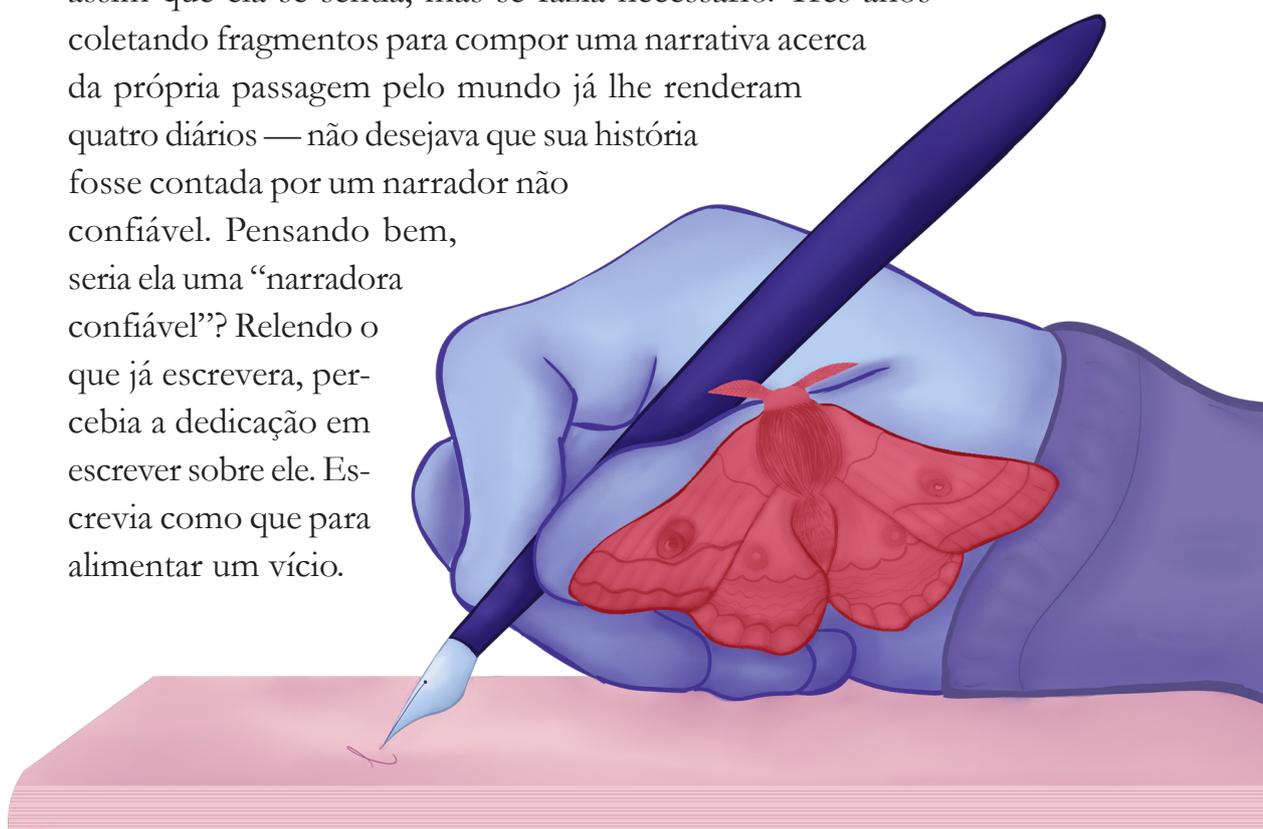
# (Re)Memorar

Anna Deodato —

Sempre que tolhida em seu desejo, se recolhia à escrita. Prostrava-se como uma mártir perante o papel, confessando seus dissabores a um leitor ainda inexistente e, por conseguinte, ainda incapaz de julgá-la. Sentia-se confortável assim, se imaginando na inexistência quando seus escritos finalmente fossem lidos. Perdida no tempo, dedicava-se a relatar uma relação adoecida e espiralada, como evidência, talvez, de que um fio de razão ainda a atava na realidade.

*“17 de março de 2018 — [...] e seus olhos encontraram os meus em meio ao vazio de uma tarde de domingo. Apesar do silêncio, nossas sombras teciam um diálogo que só fui capaz de compreender muitas dores e ausências depois. À mariposa foi concedida a clemência de se libertar da luz, metáfora para as falsas paixões.”*

Montando um arquivo pálido da própria existência anêmica, era assim que ela se sentia, mas se fazia necessário. Três anos coletando fragmentos para compor uma narrativa acerca da própria passagem pelo mundo já lhe renderam quatro diários — não desejava que sua história fosse contada por um narrador não confiável. Pensando bem, seria ela uma “narradora confiável”? Relendo o que já escrevera, percebia a dedicação em escrever sobre ele. Escrevia como que para alimentar um vício.



“09 de agosto de 2019 — Andava pela Barra da Tijuca após a análise, quando me deparei com ele, que por sua vez não me viu. Como poderia, sempre tão perdido dentre o que finge não sentir? Meu estômago se contorceu. Autodefesa. Clarice Lispector saberia como descrever esse sentimento, mas eu não. Sou apenas eu, não Clarice.”

Por vezes, percorria os campos da memória e coletava lembranças escondidas em tocas, heranças de um eu arcaico para aliviar o peso da jornada. Buscava no passado respostas para o seu presente e orientação para o futuro, como se a mente fosse seu grande oráculo. Cada lapso era coletado, examinado e, quando merecedor, tornava-se parte do seu tesouro, algo que valia a pena percorrer eras e ser encontrado pelo sujeito ainda inexistente. Tanto escrevia, sempre idealizando esse ser sem forma que analisaria sua vida, seu processo criativo percorrido à sombra do palco. Às vezes, relia suas páginas, tentando antecipar as emoções do seu leitor. Sentiria com ela a dor de um amor que *poderia ter sido? Não sabia dizer.*

“20 de dezembro de 2020 — Revivo constantemente o trauma de ser abandonada em situações vulneráveis. Como quando acordei e ninguém estava em casa e chorei até o meu avô chegar trazendo uma barra de chocolate branco. Foi como um afago no meu coração de criança. Meu intransitivo coração de mulher adulta custa a entender que esse resgate não se repetirá. Por isso, talvez, eu me entregue repetidas vezes a esse amante venenoso, fantasiando preencher o vácuo da ausência passada, criando cenários nos quais, finalmente, viveríamos felizes.”

Não conseguia perceber — não ainda — que seu leitor futurístico era ela própria. Projetava seus anseios, desejos e angústias naquele corpo externo, seu diário, imaginando ajudar alguém, alguém que não precisaria repetir os erros já cometidos por ela, desencontrando a cada página a percepção de que escrevia para si. Assim como seu eu arcaico, deixava um presente para seu eu do futuro memorar, rememorar, quanta vida foi vivida, quantas mortes cabem numa vida.

“17 de março de 2021 — [...] espero reler esses diários no futuro com a aura leve de quem sobreviveu. Deixo para alguém, desesperadamente, o relato das minhas batalhas, nem sempre vencidas, como prova de que é possível morrer e continuar vivendo. Que tanta dor descrita pelo passado me impeça de retornar ao que me destruiu, e que eu seja, enfim, capaz de ceifar aquela luz que teima reacender.”

À mariposa, liberdade.

## Sobre a autora

Cozinheira por formação e mestranda em Literatura Comparada pela UFRJ. Tenta superar o medo da realidade por meio da escrita, ainda que todas as suas publicações até então sejam puramente acadêmicas.